

Síntese dos aspectos centrais da perspectiva teórica de Sidney Blatt sobre a depressão (*)

RUI C. CAMPOS (**)

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Do ponto de vista teórico e prático, a compreensão dos traços de personalidade associados à depressão, ou que podem predispor à depressão e das *experiências subjetivas* (Blatt & Lerner, 1983) internas do depressivo, e não apenas a compreensão da depressão, enquanto entidade nosológica constituída por grupos de sintomas manifestos, é, pensamos extremamente importante. A classificação da psicopatologia de forma etiológica e através dos mecanismos psíquicos subjacentes é mais relevante do que uma mera classificação por sintomas (Abramson, Alloy & Hogan, 1997). A análise da estrutura de personalidade que está subjacente à depressão, do funcionamento psíquico e das experiências depressivas internas é fundamental para uma conceptualização correcta e o mais completa possível do fenómeno depressivo. A depressão síndrome, enquadra-se necessariamente numa estrutura ou estruturas de personalidade. É deste mo-

do que se pode conceptualizar uma continuidade entre o normal e o patológico ou entre a ausência e a presença de depressão clínica (Blatt, D'Afflitti & Quinlan, 1976). Pode também pensar-se que as características internas dos indivíduos com depressão clínica poderão estar presentes nos indivíduos não clinicamente deprimidos mas vulneráveis. A escola psicanalítica postula uma relação de continuidade entre a personalidade pre-mórbida, e presente entre os estados 'agudos' da perturbação e a própria depressão clínica (Ludolph, Milden & Lerner, 1988).

A investigação na área da psicopatologia tem conceptualizado uma predisposição psicológica para a depressão, considerando a personalidade depressiva como esse factor predisponente (Akiskal citado por Baker, Nennyer & Barris, 1997). O estudo da personalidade depressiva tem já uma longa história na literatura psicanalítica e o trabalho de Blatt pode considerar-se como sendo o mais sistemático sobre o desenvolvimento desse tipo de personalidade. No seu modelo, os factores de personalidade serviram de base para um sistema de classificação, assumindo também um papel fundamental na génese da depressão (Baker et al., 1997).

A conceptualização de Blatt sobre o fenómeno depressivo assenta na ideia da existência de dois tipos de vulnerabilidade à doença depressiva, estruturados na infância, através de representações objectais perturbadas (Baker et al.,

(*) A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para Rui C. Campos, Departamento de Pedagogia e Educação, Universidade de Évora, Palácio da Inquisição, Apartado 94, 7002-554 Évora, Portugal.

(**) Psicólogo Clínico. Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

1997). A doença depressiva originar-se-ia dessas personalidades vulneráveis. As duas configurações caracteriológicas propostas por Blatt, anaclítica ou dependente e introjectiva ou de auto-criticismo, estariam por detrás das formas normais e patológicas de depressão. Quer os estados depressivos clínicos, quer o humor depressivo em populações «normais» ou os estados depressivos sub-clínicos (Mongrain & Zuroff, 1989) adviriam dos estilos de personalidade introjectivo e anaclítico (Welkowitz, Lish & Bond, 1985). Cada uma destas configurações implicaria manifestações clínicas qualitativamente diferentes (Klein, Harding, Taylor & Dickstein, 1988). Por outro lado, os estados depressivos introjectivo e anaclítico são considerados experiências universais. Os indivíduos vulneráveis apenas experienciam mais um dos tipos de depressão-estado relativamente ao outro, e mais vezes, relativamente aos não vulneráveis (Zuroff & Mongrain, 1987).

Como esclarecem Zuroff, Moskowitz, Wielgus, Powers e Franko (1983), o termo depressão pode aplicar-se quer à síndrome clínica, quer a um estado de humor que pode ocorrer em indivíduos normais mas que é também um dos sintomas da depressão, ou ainda, aplicar-se a tipos de organização da personalidade. Os indivíduos com caracteres depressivos estão predispostos a vivenciar estados ou episódios depressivos mais ou menos graves e humor depressivo.

Na conceptualização de Blatt, os tipos anaclítico e introjectivo referem-se fundamentalmente a estados de humor e a estruturas de carácter em que esses estados de humor são frequentes (Zuroff & Mongrain, 1987). Não há uma relação directa entre depressão de dependência ou de auto-criticismo e a síndrome clínica depressiva. Aliás, Blatt estudou inicialmente as experiências depressivas de dependência e de auto-criticismo em populações normais e só depois essa distinção foi aplicada a indivíduos com síndromas clínicas. As experiências depressivas estão presentes não só nos quadros depressivos, mas também nas variações sub-clínicas de humor (Zuroff, et al., 1983). Além do mais, as experiências depressivas não são mutuamente exclusivas, podendo co-existir num mesmo indivíduo (Smith, O'Keeffe & Jenkins, 1988; Zuroff et al., 1983).

2. A DEPRESSÃO ANACLÍTICA E A DEPRESSÃO INTROJECTIVA

Algumas das abordagens recentes da psicopatologia são baseadas em sintomas, tentando estabelecer classificações nosológicas descritivas que possam ajudar o clínico e o investigador a realizar diagnósticos. No entanto, estas concepções baseadas em sintomas são normalmente ateóricas pelo que é difícil testar a sua validade (Blatt, 1991). Além disso, permanecem num nível meramente descritivo, contribuindo pouco para a compreensão da psicopatologia.

Por outro lado, é difícil estabelecer diferentes tipos de depressão com base nas expressões sintomáticas, devido a uma grande heterogeneidade dos sintomas (Blatt & Maroudas, 1992; Blatt, Quinlan, Chevron, McDonald & Zuroff, 1982), resultando normalmente em sub-tipos muito heterogéneos. Devido a este facto, vários autores, nomeadamente Blatt, Bowlby (1980), Beck (1983) e Arietti e Bemporad (1980), propuseram uma distinção entre tipos depressivos tendo por base não as expressões sintomáticas, mas a fenomenologia das experiências relevantes para os indivíduos e que os podem conduzir à depressão (Blatt & Blass, 1992).

Blatt (1974) distingue uma depressão em que se acentua a componente de dependência de outra em que a culpa e o auto-criticismo assumem o papel central, ou seja, distingue uma depressão anaclítica, simples ou de dependência de uma depressão introjectiva ou de auto-criticismo.

Segundo Wilson (1988), as manifestações anaclíticas da depressão podem ser distinguidas conceptualmente das experiências relacionadas com a depressão de culpa, que incluem o medo de perder o amor do objecto, sentimentos de auto-acusação e de inferioridade. Existe, segundo este autor, um grande consenso na literatura sobre a dicotomização da depressão como depressão de culpa e depressão de vazio. Quanto menos integrado for o super-eu, mais provável será a experiência da depressão de vazio. Também o nível de representação objectal e o nível de coesão do self determinam o tipo de depressão.

Os sentimentos centrais na depressão anaclítica são, segundo Blatt (1974), o desamparo, a fraqueza e o não se sentir amado. Existem desejos marcados de ser cuidado, protegido e amparado. Há dificuldades em suportar a espera, uma

busca desesperada de satisfação, uma necessidade intensa de ser amado e uma «luta desesperada para manter o contacto directo com o objecto gratificante» (Blatt, 1974, p. 107). As relações são relativamente indiferenciadas, incorporativas e baseadas na gratificação. O objecto é valorizado pela sua capacidade de gratificar e de suprir as necessidades. O adiamento da gratificação e consequentes sentimentos de frustração e privação originam sentimentos de raiva que não são expressos devido ao medo de destruir o objecto, enquanto fonte de satisfação (Blatt & Shichman, 1983).

Na depressão anaclítica há um grande medo de ser abandonado e de não ser amado. A internalização das experiências de gratificação e do próprio objecto provedor é bastante fraca. Assim sendo, há uma constante exigência e necessidade da presença visível e física dos objectos (Blatt & Shichman, 1983), lidando o sujeito com a «separação e a perda objectal... através de meios primitivos, como a negação e uma busca frenética de substitutos» (Blatt, 1974, p. 117). Devido à necessidade de contacto físico com o objecto, o sujeito anaclítico apresenta uma grande tendência a vivenciar sentimentos de solidão, tristeza, rejeição e abandono (Blatt & Shichman, 1983). Os indivíduos com depressão anaclítica são pouco reflexivos, o que lhes «limita a articulação de emoções e conflitos associados». Nas relações com os outros a necessidade de gratificação é mais importante do que o compromisso entre os indivíduos (Blatt & Maroudas, 1992). As fortes exigências destes indivíduos provocam nos outros sentimentos de raiva e, por consequência, a rejeição que tanto temem. As suas experiências relacionais são marcadas por oscilações rápidas entre uma atitude submissa e passiva e uma atitude de marcada exigência.

Por outro lado, na depressão introjectiva encontra-se sentimentos de desvalorização, de culpa e de não ter vivido à altura das expectativas, o que é sentido como conduzindo à desaprovação e crítica por parte do objecto (Blatt, 1974). Encontra-se um super-eu severo, uma moralidade cerrada e uma constante auto-avaliação. (Blatt & Shichman, 1983). Nesta forma de depressão existe uma excessiva necessidade de perfeccionismo, uma tendência para assumir a responsabilidade e o sentimento de não conseguir aceitação e reconhecimento. Há uma constante preocupa-

ção em ser punido. A presença do objecto é necessária não tanto para proporcionar gratificação, mas sim aprovação.

Na depressão introjectiva «há um nível de desenvolvimento do ego superior e as relações encontram-se nos estádios mais tardios de separação-individação» (Blatt, 1974, p. 118). As representações do self e do objecto encontram-se num nível de desenvolvimento mais elevado. A vivência da culpa exige um sentido mais elaborado do self e uma capacidade de auto-reflexão e avaliação «das sequências de causalidade, quer assumindo a responsabilidade por um acto, quer considerando modos alternativos... de reparação» (Blatt, 1974, p. 119). A introjecção e a identificação com o agressor substituem a negação. As relações com os objectos persistem para lá das experiências de gratificação e frustração. Há sobretudo medo de perder o amor e aprovação por parte do objecto e não tanto de perder o próprio objecto. As relações são fundamentalmente ambivalentes, sem que essa ambivalência seja resolvida. Os conflitos são principalmente fálico-edipianos (Blatt & Shichman, 1983). Embora o ego seja mais desenvolvido, podem verificar-se regressões a níveis mais primitivos de organização (Blatt, 1974).

O envolvimento excessivo em muitas actividades pelo indivíduo introjectivo pode ser visto como um mecanismo de compensação de sentimentos de desvalorização e culpa. Associado a ideias megalómanas e a uma compulsão à realização, está um sentimento de culpa e de vergonha por não ter estado à altura das expectativas, reflectindo a actividade super-egóica e a internalização de atitudes críticas e punitivas das figuras parentais. Tentativas de realização pessoal são levadas a cabo para obter reconhecimento e compensar sentimentos de inadequação (Blatt & Maroudas, 1992). Um excessivo perfeccionismo e o sentimento de *ser levado a realizar* impossibilitam a satisfação com o sucesso pessoal (Blatt & Shichman, 1983, p. 229).

Podem encontrar-se reacções maníacas em ambos os tipos de depressão. Na depressão anaclítica estas reacções consistirão sobretudo «numa intensa procura e ligação a [vários] objectos» (Blatt, 1974, p. 118). Na depressão introjectiva, registar-se-ão tentativas *frenéticas* de demonstração de força, de poder, de atractividade

de física ou de capacidades intelectuais, ou ainda tentativas *fenéticas* de realização pessoal.

Os dois tipos de perturbações depressivas, podem ser relativamente moderados ou atingir níveis bastante graves; enquanto estados afectivos, podem variar em intensidade, desde constituir experiências passageiras e moderadas até estados clínicos severos e profundos (Blatt, 1974; Blatt et al., 1976).

3. O DESENVOLVIMENTO DAS REPRESENTAÇÕES OBJECTAIS E OS ANTECEDENTES DA DEPRESSÃO

Segundo Blatt (1974), são as perturbações no desenvolvimento das representações objectais que criam uma vulnerabilidade específica a depressões futuras. Na depressão anaclítica e na depressão introjectiva o nível de perturbação da representação objectal é diferente. Devido a estas perturbações, verifica-se uma grande necessidade de manter o contacto com o objecto, «directamente, ou através da intensificação do processo de introjecção» (Blatt, 1974, p. 121), respectivamente na depressão anaclítica e na depressão introjectiva.

A qualidade das relações interpessoais determina as características no mundo interno representacional, através da internalização. Por outro lado, as estruturas internas determinam e moldam as subsequentes experiências relacionais, pelo que relação e representação evoluem numa interacção recíproca e dialéctica. O desenvolvimento das estruturas representacionais, além de depender da matriz relacional e da cultura, é também determinado pelas predisposições biológicas da criança, numa complexa interacção (Blatt & Lerner, 1983).

Blatt (1974) descreve um modelo de desenvolvimento das representações objectais que integra aspectos da teoria analítica e da psicologia do desenvolvimento. No início as representações são amorfas e globais, passam por um período em que apresentam um ênfase nas propriedades parciais dos objectos, até que atingem um grau elevado de articulação, diferenciação, integração e abstracção. As representações começam por situar-se num nível *sensorio-motor*, passam por um nível de *objecto perceptivo*, segue-se um nível *icónico*, atingindo finalmente o nível *con-*

ceptual. O nível de representação «indica o nível de desenvolvimento do ego, a diferenciação do objecto conseguida e a qualidade [desse mesmo] objecto...» (Blatt, 1974, p. 147).

As perturbações no desenvolvimento das representações objectais podem tornar-se apenas visíveis, muito tempo depois, quando o objecto não estiver na realidade disponível para compensar e colmatar falhas nessas representações. O nível de representação está directamente relacionado com o tipo de depressão. Na depressão anaclítica, a representação objectal situa-se sobretudo num nível sensorio-motor, havendo uma grande necessidade de contacto físico, directo com o objecto gratificante. Na depressão introjectiva, as representações objectais situam-se num nível superior, no nível perceptivo e icónico; «são fragmentadas, isoladas, estáticas e ambivalentes, e há uma [fraca] resolução da contradição entre imagens e propriedades separadas» (Blatt, 1974, p. 149).

Embora o nível de representação objectal possa ser mais elevado na depressão introjectiva, onde os indivíduos descrevem as figuras parentais fundamentalmente em termos dos seus atributos concretos, físicos e funcionais, as suas relações tendem a ser mais distantes e são também fortemente ambivalentes. Na depressão anaclítica, as figuras parentais são descritas de forma mais egocêntrica, em termos sensorio-motores/ pré-operacionais, relativamente ao que são capazes ou não de fazer ao sujeito. (Blatt & Maroudas, 1992).

Apesar de as depressões anaclítica e introjectiva serem geralmente vistas como situadas em diferentes níveis do desenvolvimento, na realidade, segundo Wilson (1988), não se desenvolvem ao longo de eixos totalmente independentes. O afecto anaclítico depressivo pode ocorrer, e ocorre mesmo com frequência, em qualquer nível de desenvolvimento, mesmo nos mais evoluídos. Embora pré-edipiano e resultando de um tipo particular de relação de objecto, nem sempre tem um significado psicopatológico grave.

Para Blatt e Homann (1992), é necessário observar até que ponto as experiências precoces podem criar predisposições para que determinados indivíduos se tornem vulneráveis a estados afectivos disfóricos profundos em consequência

de factores stressantes actuais, como problemas e perdas relacionais, ou insucessos pessoais. Segundo Westen (1990), a noção psicanalítica clássica de que os padrões relacionais, estabelecidos nos primeiros anos de vida, são centrais para o funcionamento interpessoal e para o ajustamento psicológico futuros, tem merecido apoio da investigação. Nenhuma outra relação é tão importante para o desenvolvimento afectivo como a relação da criança com a mãe e com o pai (Blatt, Wein, Chevron & Quinlan, 1979). A relação da criança com os pais tem um efeito determinante, extensivo e duradouro no seu desenvolvimento. Aliás, são numerosos os estudos que mostram a existência de relações perturbadas nas recordações das experiências infantis de indivíduos deprimidos (Quinlan, Blatt, Chevron & Wein, 1992).

O que acontece é que as relações com as figuras parentais na infância são internalizadas em representações mentais e que uma relação perturbada pode criar vulnerabilidade à depressão, através da acção dessas representações (Blatt & Homann, 1992). Mais tarde, as representações mentais interagem com acontecimentos perturbadores internos ou externos, precipitando a doença depressiva. Mas foi em última instância a impossibilidade de estabelecer boas relações e níveis de representação adequados, que originam uma vulnerabilidade à depressão (Blatt et al., 1979)

Os resultados da investigação (veja-se Blatt & Homann, 1992, para uma revisão) parecem apoiar a teoria, confirmando que os antecedentes de uma depressão focada nos aspectos interpessoais deverão estabelecer-se num nível de desenvolvimento mais primitivo do que os de uma depressão focada em aspectos mais simbólicos de auto-definição. Os dois tipos de depressão, originados em momentos diferentes do desenvolvimento, têm por detrás estilos parentais diferentes, conduzindo a estilos de vinculação também diferentes e a tipos igualmente distintos de perturbação das representações mentais. Além das características dos pais e da natureza das suas atitudes perturbadoras, a altura em que elas se manifestam é central para o desenvolvimento diferencial de uma vulnerabilidade a uma perturbação depressiva centrada em questões de dependência, auto-criticismo ou em ambas.

A figura materna do indivíduo com depressão

de dependência esteve provavelmente indisponível ou excessivamente disponível, ou usou o seu amor e afecto para controlar a criança. A insegurança que o comportamento materno origina, torna difícil à criança estabelecer uma representação interna da mãe como um objecto cuidador. Sem esta representação torna-se quase impossível que a criança acredite que é amada e sinta prazer com isso, de forma continuada, na ausência do objecto. Os indivíduos dependentes necessitam constantemente de certificar-se da disponibilidade dos outros para cuidarem de si. Procuram desesperadamente atenção e afecto, deprimindo-se como reacção à separação, rejeição ou abandono, ainda que apenas fantasiado ou temido. Sentiram o amor da mãe como sendo contingente à sua obediência e conformismo, sentem-se desamparados e nunca seguros nas relações afectivas, inibindo ou negando a agressividade e mostrando-se submissos, devido à necessidade de serem cuidados (Blatt, 1995; Blatt & Homann, 1992).

Por outro lado, os indivíduos introjectivos atacam e criticam-se frequentemente, experimentando sentimentos de culpa, vergonha e desvalorização. Sentiram que, se não atingissem os objectivos que lhes eram impostos, não recebiam a aprovação e aceitação dos pais. As tentativas de separação/individuação e de definição do self foram travadas pela internalização das atitudes controladoras, exigentes e intrusivas dos pais. O amor parental foi contingente à submissão da criança aos padrões e metas impostas por eles. A constante auto-crítica e censura repete o padrão de relação com os pais e serve para manter o contacto com eles através da identificação. A depressão tem lugar quando o indivíduo for, ou se sentir confrontado, com críticas ou insucessos nas realizações pessoais (Blatt, 1995; Blatt & Homann, 1992).

A necessidade, no desenvolvimento, de mudança do investimento libidinal da mãe para o pai no caso das raparigas e, de mudança no objecto de identificação da mãe para o pai no caso dos rapazes, poderá explicar a maior incidência de depressão centrada em questões interpessoais (de dependência) nas raparigas e de depressão centrada em temas de definição do self (de auto-criticismo) no caso dos rapazes (Guisinger & Blatt, 1994).

4. UM MODELO DE VULNERABILIDADE MULTI-CAUSAL

O modelo de Blatt assenta na ideia de que vários factores contribuem para a ocorrência da depressão, nomeadamente, aspectos de temperamento, características e estilos parentais e consequentes estilos de vinculação, acontecimentos externos traumáticos na infância e factores precipitantes actuais. Há também que considerar os factores de forma hierárquica e inter-relacionada. Não são apenas os aspectos do temperamento, por exemplo, nem as características dos pais, que podem conduzir a padrões de vinculação insegura e a representações objectais perturbadas, mas sim a sua interacção, ou seja, neste caso, a incompatibilidade entre as características do temperamento da criança e as características dos pais (Blatt & Homann, 1992).

De uma forma sucinta, pode descrever-se do seguinte modo o desenvolvimento e a forma como se expressa a vulnerabilidade à patologia depressiva: pais, especialmente a mãe, com uma atitude inconsistente, negligente, abandonante ou hiperprotectora, pode criar uma vulnerabilidade interpessoal, com dependência, labilidade afectiva, preocupações com as relações e uso de defesas de tipo evitante como a negação. Na idade adulta, em resultado de experiências de perda, abandono, rejeição ou de não se sentir cuidado, pode originar-se uma depressão de dependência, com sentimentos de desamparo, tristeza, solidão, abandono, desamor e uma busca desesperada de um objecto de substituição que possa proporcionar amor. Verificam-se habitualmente perturbações somáticas.

Por outro lado, um estilo parental intrusivo, controlador e crítico, normalmente de ambos os pais pode gerar uma vulnerabilidade auto-avaliativa, onde se encontra sentimentos de desvalorização e culpa e uma atitude de auto-crítica e de procura de realizações como mecanismo compensatório. Pode também haver hostilidade, crítica e raiva para com os outros e, verifica-se o uso de defesas de tipo neutralizante, como a formação reactiva. Perante experiências de insucesso nas realizações pessoais, culpabilização, ridicularização ou depreciação por parte dos outros, ou perda de controlo sobre o ambiente, pode desenvolver-se uma depressão de auto-criticismo, com sentimentos marcados de desvalorização e

de culpa, uma forte auto-crítica e tentativas frenéticas de realização para compensar esses sentimentos. Podem ocorrer comportamentos auto e hetero-agressivos (Blatt & Zuroff, 1992).

No desenvolvimento normal, encontra-se habitualmente um estilo parental afectuoso, de cuidado, que leva à construção de limites construtivos, em que não são impostas metas demasiado elevadas e em que a crítica é, sobretudo, construtiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento em geral e o tipo e a qualidade das relações interpessoais estabelecidas podem ser vistos como expressões dos estilos de personalidade de dependência e de auto-criticismo (Blatt & Zuroff, 1992). Verifica-se que, o facto de um indivíduo possuir um destes estilos influencia os comportamentos interpessoais que, por sua vez, determinam a qualidade das relações que os indivíduos estabelecem (Santor & Zuroff, 1998). Mas esta perspectiva unilateral é redutora, relativamente às influências recíprocas entre indivíduo e ambiente. As características de personalidade do indivíduo determinam o seu ambiente, mas esse ambiente afecta as características do próprio. Os indivíduos auto-críticos e dependentes manipulam os ambientes interpessoais e as relações de forma qualitativamente diferente, o que, por sua vez, ajuda a consolidar as suas características através das reacções dos outros. As características dos indivíduos dependentes e auto-críticos são mantidas pelos ambientes relacionais que ajudam a estabelecer.

Por outro lado, os indivíduos com um estilo de personalidade dependente ou auto-crítico não só são vulneráveis a diferentes tipos de acontecimentos stressantes, aos quais respondem usando estratégias diferentes (Blatt, Cornell & Eshkol, 1993), mas também evocam diferentes respostas dos outros, ficando, desta forma, expostos a tipos específicos de acontecimentos perturbadores (Buss citado por Blatt et al., 1993). A vulnerabilidade à depressão de dependentes e auto-críticos pode ser atribuída ao ambiente interpessoal que estabelecem e mantêm (Blatt & Zuroff, 1992).

Para finalizar e, sintetizando, pode dizer-se que o modelo de Blatt define a depressão com

base em fatores de personalidade. Postula a existência de duas classes de personalidade depressiva (Hokanson & Butler, 1992), preocupando-se em distinguir experiências depressivas do ponto de vista fenomenológico e não sintomatológico (Blatt, Zohar, Quinlan, Zuroff & Mongrain, 1995). A conceptualização deste autor, distingue tipos de depressão com base na natureza das experiências mais importantes para os indivíduos e que podem contribuir para a ocorrência de episódios depressivos (Blatt, 1991). O modelo tem também uma componente de diátese: a personalidade predisponente interage com acontecimento perturbadores para originar a depressão (Robins, Hayes, Block, Kramer & Villena, 1995; Baltt & Maroudas, 1992). Os dois tipos de depressão teriam origem em perturbações específicas do desenvolvimento, manifestando-se em resposta a acontecimentos também específicos, mais tarde no ciclo de vida (*congruência personalidade-acontecimento*), e expressando-se através de padrões de sintomas diferentes (*congruência personalidade-expressão sintomática*).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramson, L. Y., Alloy, L. B., & Hogan, M. E. (1997). Cognitive/personality subtypes of depression: Theories in search of disorders. *Cognitive Therapy and Research*, 21 (3), 247-265.
- Arieti, S., & Bemporad, J. R. (1980). The psychological organization of depression. *American Journal of Psychiatry*, 136, 1365-1369.
- Baker, K. D., Nenneyer, R. A., & Barris, B. P. (1997). Cognitive organization in sociotropic and autonomous inpatient depressives. *Journal of Cognitive Psychotherapy: An International Quarterly*, 11 (4), 279-297.
- Beck, A. T. (1983). Cognitive therapy of depression: New perspectives. In P. Clayton, & J. E. Barret (Eds.), *Treatment of depression: Old controversies and new approaches* (pp. 265-290). New York: Raven.
- Blatt, S. (1974). Levels of object representation in anaclitic and introjective depression. *Psychoanalytic Study of the Child*, 29, 107-157.
- Blatt, S. J. (1991). A cognitive morphology of psychopathology. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 179 (8), 449-458.
- Blatt, S. J. (1995). Representational structures in psychopathology. In D. Cicchetti, & S. L. Toth (Eds.), *Emotion, cognition, and representation* (pp. 1-33). Rochester Symposium on Developmental Psychopathology.
- Blatt, S. J., & Blass, R. B. (1992). Relatedness and self-definition: Two primary dimensions in personality development, psychopathology, and psychotherapy. In J. W. Barron, M. N. Eagle, & D. L. Wolitzky (Eds.), *Interface of psychoanalysis and psychology* (pp. 399-428). Washington, DC: American Psychological Association.
- Blatt, S. J., Cornell, C. E., & Eshkol, E. (1993). Personality style, differential vulnerability, and clinical course in immunological and cardiovascular disease. *Clinical Psychology Review*, 13, 421-450.
- Blatt, S., & Homann, E. (1992). Parent-child interaction in the etiology of dependent and self-critical depression. *Clinical Psychology Review*, 12, 47-91.
- Blatt, S. J., & Lerner, H. (1983). Psychodynamic perspectives on personality theory. In M. Hersen, A. E. Kazdin, & A. S. Bellack (Eds.), *The clinical psychology handbook* (pp. 87-106). New York: Pergamon Press.
- Blatt, S., & Maroudas, C. (1992). Convergences among psychoanalytic and cognitive-behavioural theories of depression. *Psychoanalytic Psychology*, 9 (2), 157-190.
- Blatt, S. J., Quinlan, D. M., Chevron, E. S., McDonald, C., & Zuroff, D. (1982). Dependency and self-criticism: Psychological dimensions of depression. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 50 (1), 113-124.
- Blatt, S. J., & Shichman, S. (1983). Two primary configurations of psychopathology. *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, 6 (2), 187-254.
- Blatt, S. J., Wein, S. J., Chevron, E., & Quinlan, D. M. (1979). Parental representations and depression in normal young adults. *Journal of Abnormal Psychology*, 88 (4), 388-397.
- Blatt, S. J., Zohar, A. H., Quinlan, D. M., Zuroff, D. C., & Mongrain, M. (1995). Subscales within the dependency factor of the Depressive Experiences Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 64 (2), 319-339.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, separation and depression* (vol. 3). New York: Basic Books.
- Chevron, E. S., Quinlan, D. M., & Blatt, S. (1978). Sex role and gender differences in the experiences of depression. *Journal of Abnormal Psychology*, 87 (6), 680-683.
- Guisinger, S., & Blatt, S. J. (1994). Individuality and relatedness: Evolution of a fundamental dialectic. *American Psychologist*, 49 (2), 104-111.
- Hokanson, J. E., & Butler, A. C. (1992). Cluster analysis of depressed college students' social behaviors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62 (2), 273-280.
- Klein, D. N., Harding, K., Taylor, E. B., & Dickstein, S. (1988). Dependency and self-criticism in depression: Evaluation in a clinical population. *Journal of Abnormal Psychology*, 97 (4), 399-404.

- Ludolph, P. S., Milden, R. S., & Lerner, H. D. (1988). Rorschach profiles of depressives: Clinical case illustrations. In H. Lerner, & P. Lerner (Eds.), *Primitive mental states and the Rorschach* (cap. 18). Madison: International Universities Press.
- Mongrain, M., & Zuroff, D. C. (1989). Cognitive vulnerability to depressed affect in dependent and self-critical college women. *Journal of Personality Disorders*, 3 (3), 240-251.
- Quinlan, D. M., Blatt, S. J., Chevron, E. S., & Wein, S. J. (1992). The analysis of descriptions of parents: Identification of a more differentiated factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 59 (2), 340-351.
- Robins, C. J., Hayes, A. M., Block, P., Kramer R. J., & Villena, M. (1995). Interpersonal and achievement concerns and the depressive vulnerability and symptom specificity hypothesis: A prospective study. *Cognitive Therapy and Research*, 19 (1), 1-20.
- Santor, D. A., & Zuroff, D. C. (1998). Controlling shared resources: Effects of dependency, self-criticism, and threats to self-worth. *Personality and Individual Differences*, 24 (2), 237-252.
- Smith, T. W., O'Keeffe, J. L., & Jenkins, M. (1988). Dependency and self-criticism: Correlates of depression or moderators of the effects of stressful events? *Journal of Personality Disorders*, 2 (2), 160-169.
- Welkowitz, J., Lish, J. D., & Bond, R. N. (1985). The Depressive Experiences Questionnaire: Revision and validation. *Journal of Personality Assessment*, 49 (1), 89-94.
- Westen, D. (1990). Psychoanalytic approaches to personality. In L. A. Pervin (Ed.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 21-65). New York: Guilford Press.
- Wilson, A. (1988). Levels of depression and clinical assessment. In H. Lerner, & P. Lerner (Ed.), *Primitive mental states and the Rorschach* (pp. 441-462). Madison: International Universities Press.
- Zuroff, D. C., & Mongrain, M. (1987). Dependency and self-criticism: Vulnerability factors for depressive affective states. *Journal of Abnormal Psychology*, 96 (1), 14-22.
- Zuroff, D. C., Moskowitz, D. S., Wielgus, M. S., Powers, T. A., & Franko D. L. (1983). Construct validation of the dependency and self-criticism scales of the Depressive Experiences Questionnaire. *Journal of Research in Personality*, 17, 226-241.

RESUMO

Neste artigo apresentamos os aspectos centrais da perspectiva teórica de Sidney Blatt sobre a depressão. Expomos alguns aspectos gerais do seu modelo, as características dos dois tipos depressivos propostos por Blatt, algumas notas sobre o desenvolvimento das representações objectais e sobre os antecedentes da depressão e expomos ainda a componente de vulnerabilidade multi-causal do modelo de Blatt. Terminamos com algumas considerações finais.

Palavras-chave: Síntese, perspectiva teórica, Sidney Blatt, depressão.

ABSTRACT

In this article we present the most important aspects of Sidney Blatt's theoretical perspective on depression. We present some general aspects of his model, the characteristics of the two depression types proposed by Blatt, some notes about the development of objectal representations and about the depression's antecedents and also the multi-causal vulnerability component of Blatt's model. We finish with some final considerations

Key words: Synthesis, teoretical perspective, Sidney Blatt, depression.